

Prova de Proficiência em Língua Portuguesa

Instruções:

1. Esta prova mede a proficiência do candidato na leitura e escrita em língua portuguesa.
2. Você deve escrever sua resposta **em português** no espaço logo abaixo da questão.
3. Você pode consultar dicionários, mas não pode solicitar a ajuda de outras pessoas.
4. A duração da prova é de **2 horas**.
5. Ao terminar a prova, você deve clicar no botão **Entregar / Turn in**.

Prova:

Leia o texto a seguir para responder à questão que se segue

O contato com crianças surdas pré-escolares no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação "Prof. Dr. Gabriel Porto", pertencente à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas - Brasil (doravante CEPRE), suscitou meu interesse para as possibilidades de construção da identidade surda, principalmente em decorrência da implantação da proposta de educação bilíngue que teve início por volta do ano de 1991, marcada pela inserção do professor surdo na sala de aula.

Tendo passado pelas diferentes correntes educacionais como *oralismo* e *comunicação total*, o CEPRE iniciou o processo de reflexão e adesão ao ensino bilíngue buscando a oficialização da língua de sinais em sala de aula, privilegiando o papel do professor surdo neste processo.

Essa abordagem traz, fundamentalmente, uma nova concepção de surdez, que implica mudanças ideológicas, rompendo de fato com a concepção oralista e em grande parte com os sistemas da comunicação total, que não propiciaram alterações significativas no que se refere à importância da língua de sinais e ao papel da comunidade surda no processo educacional.

A proposta de educação bilíngue sugere-nos, então, mudanças que se mostram necessárias, sendo a mais importante delas o respeito à língua de sinais como língua natural¹ e de direito do surdo. Outra mudança refere-se à condição bilíngue do surdo, ou seja, ele deverá ter acesso à língua de sinais por meio do contato com a comunidade surda (dado o fato de 95% dos surdos serem filhos de pais ouvintes e adquirirem tardiamente a língua de sinais), possibilitando que a língua majoritária, oral e escrita, seja trabalhada como segunda língua. Portanto, o surdo deverá ser bilíngue. "O modelo bilíngue parte do reconhecimento de que os surdos estão em contato com duas línguas e que uma destas línguas é a língua de sinais" (Sanchez, 1991, p. 4). E "quando o bilinguismo afirma que as línguas de sinais dos surdos são línguas naturais,

reivindica para a Língua de Sinais o mesmo *status* linguístico de todas as línguas naturais" (idem, *ibid.*, p. 6).

Nessa perspectiva, a aceitação de uma língua implica sempre a aceitação de uma cultura, conforme lembra Behares (1993). Para este autor, a passagem para a educação bilíngue significa uma mudança ideológica com respeito à surdez e não uma mudança meramente metodológica. Afirma que a educação bilíngue se propõe a transformar a educação dos surdos em uma pedagogia socializada, abandonando as práticas clínicas e terapêuticas, o que parece vir ao encontro do pensamento de Vygotsky: "Na psicologia, o problema da criança deve ser apresentado e compreendido como um problema social, porque o aspecto social, antigamente diagnosticado como secundário e derivado, de fato é o fator principal e primário" (Vygotsky, 1989a).

De acordo com a concepção socioantropológica, a surdez é compreendida como experiência visual (Skliar, 1999), desestabilizando ideias preconcebidas sobre a chamada normalidade. Tal experiência visual, segundo o autor, não é restrita a uma capacidade de produção e compreensão especificamente linguística ou a uma modalidade singular de processamento cognitivo, mas que se traduz em todos os tipos de significações, representações e/ou produções do surdo, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural etc.² Faz-se necessário, então, um modelo no qual o déficit auditivo não cumpra nenhum papel relevante, um modelo que se origine e se justifique nas interações normais e habituais dos surdos entre si, no qual a língua de sinais seja o traço fundamental de identificação sociocultural e no qual o modelo pedagógico não seja uma obsessão para corrigir o déficit mas a continuação de um mecanismo de compensação que os próprios surdos, historicamente, já demonstraram utilizar. (Skliar, 1997, p. 140).

A questão da língua de sinais, portanto, está intimamente relacionada à cultura surda. Esta, por sua vez, remete à identidade do sujeito que (con)vive, quase sempre, com as duas comunidades (surda e ouvinte). Neste contexto, importa analisar o modo que os sujeitos inseridos em escolas bilíngues se narram como sujeitos da comunidade surda. Assim, o papel do professor surdo e da língua de sinais no ambiente escolar é essencial para que haja construção da identidade surda e, conseqüentemente, para chegarmos a uma educação eficiente.

Questão sobre o texto

Leia os dois trechos abaixo, destacados do texto:

1. “As línguas de sinais dos surdos são línguas naturais”.
2. “A surdez é compreendida como experiência visual”.

Explique com suas palavras o que significa cada uma dessas definições.

Resposta:

Espera-se que o candidato demonstre compreender a diferença entre línguas naturais e artificiais. Usando informação do texto, poderia falar que o surdo tem uma comunidade na qual vive e com a qual pode aprender sua própria língua.

Espera-se que o candidato demonstre entender a expressão “experiência visual.” A surdez como experiência visual é uma forma de mostrar o surdo como pessoa cuja compreensão do mundo se baseia na visão. É uma identificação baseada em algo positivo, não em um déficit.